

SUBSÍDIOS À HISTÓRIA DAS CAPELAS DE MONTE SANTO^(*)

José Calasans

AS ORIGENS

Vamos começar pelo princípio. Remontemos ao derradeiro quartel do século XVIII, época em que o capuchinho italiano Apolônio de Todí foi missionar no centro da Bahia e de Sergipe. Em 1779, aportou na cidade do Salvador, que não era, aliás, o destino de sua missão. A tarefa missionária, da qual fora investido, deveria ser desempenhada na ilha de São Tomé. Percalços do mar trouxeram-no até a ex-capital do Brasil, onde chegou com problemas de saúde. Não prosseguiu, por isso mesmo, a projetada viagem. Ficou na Bahia. Para ser mais do que um dos muitos missionários capuchos procedentes da Itália. Permaneceu em nossa terra para conquistar um título, que poucos alcançam, de apóstolo. Apóstolo dos sertões, envolvido pela lenda, com cheiro de santidade. Dir-se-ia que é um “Anchieta sertanejo”, criador de famoso centro místico do interior baiano, o de Monte Santo.

Era moço quando apareceu, com 31 anos de idade. Morreu velho, em 1820, aos 72 janeiros de vida missionariamente vividos. Entrou para a história e para a lenda no ano de 1785. Após haver percorrido algumas dezenas de localidades pregando santas missões e realizando obras de utilidade, dirigiu-se, atendendo a “grande rogos”, à serra de Piquaraçá, que alcançou em outubro de 1785. Saíra da missão de Massacará. Ele próprio contou, num documento de valor histórico, a confusa impressão que o lugar lhe causara. “Chegando ao pé desta serra, dei com uma casinha de palha, onde o reverendo vigário vinha de 4 em 5 anos, e nesta desobrigava 7 ou 8 dias a gente que vinha e era chamada Casa de Oração, o que vendo fiquei confuso”. Pareceu-lhe, porém, que o local era

(*) Trabalho lido na Câmara de Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Conselho Estadual do Estado da Bahia, 1983. Editado pela EMTUR - Empreendimentos Turísticos, Salvador, 1983.

predestinado, porque semelhante ao Calvário de Jerusalém. Como bom missionário, tratou de armar latada para nela pregar aos fiéis. Mas não parou aí. Inspirado pelo ambiente, imaginou logo ornar o lugar de passos de N^a.S^a. das Dores e passos de N. Senhor. A área aproveitada media quase uma légua. Contou com o trabalho e a dedicação dos sertanejos, que cortaram e levaram para o monte paus de aroeira e cedro. Logo surgiram carpinas e pedreiros, solícitos no atendimento do plano de frei Apolônio. Ao término da Santa Missão, no dia de Todos os Santos, o frade organizou uma procissão para subir a serra e foi colocando cruzes de madeira no caminho, “no modo e na distância que ordenam os Sumos Pontífices”. No meio da jornada, um violento furacão apagou as lanternas dos penitentes, obrigando-os também a se abaixarem, principalmente as mulheres que, separadas dos homens, vinham atrás do préstito religioso. O frade ordenou nada temessem, mas que invocassem Nosso Senhor do Amparo, cuja imagem conduziam. Feito o sinal da cruz a ventania cessou. Um milagre. Muitos e muitos e muitos anos rodados, em 1945, um repórter dos Diários Associados, repetindo a caminhada do apóstolo, também sofreu os efeitos do “furacão de ventos”. E escreveu a propósito do fato: “Subimos num esforço físico enorme, pensando nas palavras de frei Apolônio de que aquilo foi feito ‘fácil e brevemente’. E fato curioso, no mesmo lugar em que durante a famosa procissão, levantou-se o ‘furacão de vento’ e a ventania quase nos arrebatava. Coincidência ou, talvez, um local onde ventos permanentes tenham aquela força enorme”¹. Diferente do capuchinho, o jornalista Odorico Tavares não acreditava em milagres...

Sempre rezando, os fiéis terminaram a colocação das cruzes e retornaram ao ponto em que se erguera a latada, quando Apolônio de Todi fez sermão de conclusão da penitência. Exortou aquele povo, espiritualmente tão abandonado, a, nos próximos anos, visitar as santas cruzes, no dia santo. Por fim, tomou uma decisão de momento, determinando que daí por diante ninguém chamasse mais

¹ TAVARES, Odorico. *Bahia, Imagens da Terra e do Povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 289.

serra de Piquaraçá, aquele local piedoso. Principiara a era de Monte Santo, pontilhada de milagres. Apareceram, na extensão das cruzes, arco-íris de cinco cores: azul, amarelo, branco, roxo e vermelho. As gentes das redondezas passaram a frequentar as santas cruzes e os doentes ficavam bons dos seus males quando beijavam a cruz do Calvário. Espalhou-se a notícia dos milagres. De longe também vinham cegos, aleijados, conduzidos em redes. E todos ficaram bons. Apolônio sentiu que se tornava necessária sua presença em Monte Santo, para ampliação da obra que, cristãmente, iniciara. Tudo se tomou “fácil e breve”, no dizer do frade, porque o povo lhe prestou o auxílio necessário. Os passos foram fechados como capelinhas e se ergueu a igreja bem no alto daquele monte. Também apareceram painéis para os passos. O povoamento do pé da serra cresceu. Em 1790, estava criada a freguesia e irmandade dos Santos Passos, da qual foi primeiro vigário encomendado o padre Antonio Pires de Carvalho. Elevaram-na a vila em 21 de março de 1821.

PRESENÇA DE ANTONIO CONSELHEIRO

Cerca de um século após a missão de frei Apolônio de Todi, os sertões ganharam um outro missionário famoso, embora leigo, não inserido nos quadros oficiais da igreja católica. Chamava-se Antonio Vicente Mendes Maciel, geralmente conhecido por Antonio Conselheiro, também alcunhado de Antonio dos Mares, Santo Antonio Aparecido, Santo Conselheiro, Bom Jesus, sem dúvida o messias brasileiro que conseguiu o maior número de apelidos. Durante quase 25 anos, de 1874 a 1897, o peregrino cearense percorreu uma extensa faixa dos territórios da Bahia e de Sergipe, limitada ao norte pelo rio Vaza-Barris e ao sul pelo Itapicuru. Nesta área, que denominamos o sertão do Conselheiro, ficava incrustado o território de Monte Santo e foi exatamente em terras do município que o Conselheiro estabeleceu, em junho de 1893, sua povoação histórica, por ele batizada com o nome de Belo Monte, em substituição ao de Canudos, até então dado à fazenda de gado ali existente. A mudança ordenada por Antonio Conselheiro parece indicar influência de frei Apolônio. Piquaraçá

passou a ser Monte Santo; Canudos se transformou em Belo Monte. Seguramente não estamos diante de mera coincidência.

Lógico que um líder místico como o Bom Jesus Conselheiro peregrinasse numa região de forte tonalidade mística como era Monte Santo. E assim de fato sucedeu. O Conselheiro esteve nas terras de Monte Santo e em mais de uma oportunidade, como bom cristão, subiu a antiga serra de Piquaraçá. Há fontes históricas a tal respeito. Confusões surgiram atribuindo ao Conselheiro a construção das capelinhas, quando, em verdade, simplesmente, restaurou algumas em 1892, antes de se fixar no povoado messiânico do Vaza-Barris. O coronel Durval Vieira de Aguiar, no seu livro ***Descrições práticas da Província da Bahia***, publicado em 1888, informa haver encontrado em terras de Monte Santo um célebre Conselheiro, que outro não era senão Antonio Vicente Mendes Maciel. O Conselheiro estava no Cumbe, seis léguas distantes da sede da Vila, na qual estava integrado. Antonio Vicente, no ensejo, construía a igreja local. Não iria, evidentemente, deixar de estender suas caminhadas às capelinhas sagradas².

Se estamos, no momento acima citado, fazendo, apenas, uma suposição, que se nos afigura aceitável, possuímos elementos comprobatórios da presença do Conselheiro em Monte Santo no ano de 1892, quando já dera início à sua campanha antirrepublicana. Em outubro do mencionado ano, o correspondente local do ***Diário de Notícias***, mandava dizer: “Acha-se aqui de passagem o conhecido Antonio Conselheiro, o qual como verdadeiro penitente tem feito com o auxilio do povo, obras de grande utilidade nos lugares onde faz passagem. Ouvi uma das suas prédicas as quais são por ele enxertadas com referência política, manifestando-se contra o casamento civil e outros atos do governo republicano. Isto, porém, nada influi no ânimo público, que só aproveita delas o que é útil”.

2 AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1888. p. 74 / 77.

Em agosto de 1893, o correspondente do **Diário** foi mais positivo no seu noticiário, informando: “Fui testemunha ocular de que quando aqui estive o ano passado envidou meios de fazer-se alguns reparos nas capelas e na estrada do Monte daqui a fim de não continuar a decadência em que se achava a instituição da irmandade dos Santos Passos do Senhor do Calvário, pedindo e aplicando o resultado das esmolas que recebia para este fim”. (**Diário de Notícias**, 07 de junho de 1893).

Antonio Carola, morador em Monte Santo, que em 1955 dizia ter completado 80 anos, informou ao jornalista Rubens Rodrigues dos Santos, do **Estado de São Paulo**, apontando para uma casa antiga, situada na praça ampla de Monte Santo: “Ali naquele canto ele falava pro povo. Era um velho seco, barbudo, rezador que fazia gosto” (**Estado de São Paulo**, 9 de junho de 1955). Odorico Tavares, anteriormente, ouvira notícias referentes à presença do Conselheiro na cidade mística e dos trabalhos que realizara nas capelas.

O guia Peixinho, que acompanhou nosso saudoso companheiro na visitação, informou: “O Monte Santo ouviu sua palavra, ele subiu também a via sacra, com uma legião de penitentes, assistindo o “milagre” de N^a.S^a. da Soledade derramar lágrimas de sangue ao ver o Bom Jesus cansado e ofegante. As muralhas capeadas, da subida até a primeira grande capela são obra sua. Chegou e viu os estragos, convocou sua gente, suas multidões de fanáticos e levantou as paredes laterais que protegem a subida”. Outro homem de imprensa, Paulo Dantas, bem informado a respeito do Conselheiro, registrou: “Conta a tradição oral da região que depois Antonio Conselheiro aqui também apareceu e com seus penitentes deu uma ajuda na conservação das capelas” e “rebocou meia dúzia de capelas”³.

3 TAVARES, Odorico. *Op. cit.*

Um velho de Monte Santo, que conversou com o folclorista João da Silva Campos, lembrava-se da última visita do Conselheiro, que pregara santa missão durante nove dias. Como Apolônio de Todi, subiu até o santuário que, no alto da serra, põe remate à sequência das vinte e cinco capelinhas disseminadas à beira da longa estrada. Alcançando o templo, fez uma cruz no limiar, com a ponta do bastão. Ocorreu, então, um fenômeno estranho e surpreendente, do qual vamos tomar conhecimento lendo o texto de Silva Campos: “De repente – note-se que naquelas paragens reinava à sazão terrível estiagem – começou a exsudar água das paredes e a gotejar do teto, que pasmava. Transpondo a porta, então, Conselheiro adiantou-se, rendendo os joelhos ante o altar, em prece. Concluída a oração, retirou-se de costas até a porta, segundo costumava proceder sempre que deixava um templo e na soleira voltou a traçar o sinal da cruz, com a extremidade de seu inseparável cajado. No mesmo instante cessou a água de ressumar das paredes e de estilar do telhado. Então o povo augurou que semelhante prodígio anunciava muito sangue derramado por causa do Beato”⁴.

Euclides da Cunha, ainda no calor da guerra, recolhera outra versão, transmitida por “pessoas que não se haviam deixado fanatizar”. O Conselheiro, à frente de uma procissão, subira a serra.

“Ao chegar à Santa Cruz”, ouçamos o autor de **Os Sertões**, “no alto, Antonio Conselheiro, ofegante, senta-se no primeiro degrau da tosca escada de pedra, e queda-se estático, contemplando os céus, o olhar imerso nas estrelas...”

“A primeira onda de fiéis enche logo o âmbito restrito da capela, enquanto outros permanecem fora ajoelhados sobre a rocha aspérrima”.

4 CAMPOS, João da Silva. “Tradições Baianas”. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador: n. 56, p. 434, 1930.

“O contemplativo, então, levantou-se. Mal sofrera o cansaço. Entre alas respeitosas, penetra, por sua vez, na capela, pendida para o chão a cabeça, humílimo e abatido, arfando”.

“Ao abeirar-se do altar-mor, porém, ergue o rosto pálido emoldurado pelos cabelos em desalinho. E a multidão estremece toda, assombrada... Duas lágrimas sangrentas rolam vagorosamente, no rosto imaculado da Virgem Santíssima”⁵.

Julgamos que a procissão recordada foi em 1892. Após o episódio, o Bom Jesus não retornou à sede do município embora estivesse vivendo em seu território. Novo acontecimento, todavia, dentro de cinco anos, colocaria Monte Santo e sua via-sacra no primeiro plano do noticiário nacional. A guerra de Canudos focalizou Monte Santo, por onde transitaram milhares de soldados procedentes dos mais distantes rincões do Brasil, para onde se dirigiram jornalistas, médicos, homens de negócios, muitos dos quais jamais haviam ouvido sequer o nome Monte Santo antes da sangrenta e fraticida campanha do Conselheiro.

EUCLIDES DA CUNHA EM MONTE SANTO

O jornalista Euclides da Cunha –correspondente de guerra do “***Estado de São Paulo***” – chegou à Vila de Monte Santo, como integrante do estado maior do marechal Carlos Machado Bittencourt, em 6 de setembro de 1897. Na manhã do dia seguinte, festejando o Sete de Setembro e o fato excepcional da presença de um ministro de Estado na pequena Vila interiorana, houve desfile militar, com bandas marciais. Foi o primeiro contato do futuro autor de ***Os Sertões*** com a terra e a gente de Monte Santo. Ficou decepcionado e logo transmitiu à sua gazeta a impressão recebida. “Uma alvorada triste”, escreveu a 7 de setembro. “No entanto vibravam nos ares as notas metálicas de seis bandas musicais e a manhã rompeu entre os desdobramentos do oriente, expandindo-se num

5 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923. p. 177.

firmamento sem nuvens. Olhando em tomo o que se observa é o mais perfeito contraste com a feição elevada desta vila ruidosamente saudada. As impressões aqui formam-se através de um jogo persistente de antíteses. Situada num dos lugares mais belos e interessantes do nosso país, Monte Santo é simplesmente repugnante. A grande praça central ilude à primeira vista. Quem ousa atravessar, porém as vielas estreitíssimas e tortuosas que nela afluem é assoberbado por um espanto extraordinário. Não são ruas, não são becos, são como imensos encanamentos de esgotos, sem abóbadas, destruídas”⁶. O desencanto não ficou, apenas, em face das ruas. Também foram atingidos os transeuntes, principalmente as mulheres, que, aliás, sempre sofreram restrições de parte do escritor, como já tivemos ensejo de mostrar num pequeno estudo sobre “As mulheres de **Os Sertões**”. Eis como falou Euclides em continuação ao trecho acima transcrito: “Custa a admitir a possibilidade de vida em tal meio – estreito, exíguo, miserável – em que se comprimem agora dois mil soldados, excluído o pessoal de outras repartições e uma multidão rebarbativa de megeras esqueléticas e feias na maioria - fúrias que encaçam o exército. E todo este acervo incoerente começa cedo a agitar-se fervilhando na única praça, largamente batida pelo sol. Confundem-se todas as posições, acotovelam-se seres de todos os graus antropológicos”⁷. Evidentemente, o repórter ainda não abriu os olhos para ver a realidade sertaneja e ficava imaginando as passagens por onde devia passar na sua caminhada pelo sertão agreste. Poucos dias antes, quando esteve no lugarejo denominado Tanquinho, escreveu, parecendo irritado: “Vou riscar da minha carta o pequeno círculo com que condecerei este lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível. Que todos os viajantes fujam destas duas casas velhas e acaçapadas em cuja frente os mandacarus esguios alevantam-se silentes e rígidos, como imensos candelabros implantados no solo, segundo a bela comparação de Humboldt”⁸.

6 CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Introd. de Gilberto Freire. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. p. 76 / 7.

7 *Idem*, p. 77.

8 *Idem*. p.72.

Olympio de Souza Andrade, um dos mais lúcidos estudiosos da obra euclidiana, procurando justificar o pronunciamento do ensaísta a respeito da Vila, adiantando que em **Os Sertões** a “cidade não foi apresentada com a mesma severidade”, comentou: “A razão de tão extremado julgamento parece que pode ser explicada, desta vez, pelo aborrecimento que o invadia no contato de um centro superpovoado e tumultuário e pelo vagar com que se aproximava de Canudos, a cujo respeito queixava-se não havia “uma só notícia”⁹. Pensamos que a velha angústia de Euclides da Cunha, despontada aqui e acolá em gestos e palavras, teria explodido naquela oportunidade, quando ele se aproximava do campo de luta, bastante cansado, temendo pela própria vida, tanto assim que confiou à guarda do marechal Machado Bittencourt um anel pedindo-lhe que o enviasse à sua família num caso de morte¹⁰.

No dia seguinte à preparação da reportagem, isto é, a oito de setembro, Euclides da Cunha foi visitar as capelas e igrejas do “sacro monte”. Um companheiro de peregrinação, o pouco conhecido jornalista Alfredo Silva, representante de **A Notícia**, deixou-nos interessante relato da caminhada, de alguma significação para o conhecimento do modo de ser do seu confrade fluminense. Vejamos a seguir a informação, datada de oito de setembro: “Fui hoje até a igreja da Santa Cruz, depois de subir a pedregosa e íngreme ladeira. Nesse delicioso passeio fui acompanhado pelo distinto correspondente do **Estado de São Paulo**, Dr. Euclides da Cunha e pelos Srs. Major Lauriano Trinas, Capitão Eduardo Gurgel, Aníbal de Oliveira e o cabo Batista, que no 7º batalhão acompanhou a bandeira. Dos nossos vestuários incontestavelmente destacava-se o distinto colega que chegado ainda anteontem, se apresentou de vistosas botas de verniz, calça branca, camisa de fina seda, chapéu de fina

9 ANDRADE, Olympio Souza. *História e Interpretação de Os Sertões*. 3ª edição. São Paulo: Edart, 1966. p. 121.

10 *Idem*, p. 122.

palha. Bons tempos o esperam neste canto da Bahia, em que um banho constitui o mais complicado dos problemas. Passamos pelas 23 (*sic*) pequenas capelas, onde uma cruz tem sobre si quadro representando os sofrimentos de Jesus”¹¹. A indumentária de Euclides que o repórter de ***A Notícia*** descreveu prova à saciedade que o consagrado escritor ainda não estava preparado para ver e entender o sertão conflagrado. Seu saber sertanejo, que a obra imortal e imortalizadora revelou, seria de “experiência feito”, nos dias dramáticos da guerra do Conselheiro.

Euclides da Cunha também contou, no mesmo dia, para seus leitores do ***Estado de São Paulo***, a visita que fizera. O estado de espírito, sem dúvida alguma, é bem outro. Fala com entusiasmo. Como que a “via sacra” o reconciliara com a vila malsinada na correspondência anterior. O caminho que percorrera “é um milagre de engenharia rude e audaciosa”. “Uma coisa assombrosa”. “É dificilmente concebível o esforço despendido para o levantamento dessa maravilha dos sertões?”¹². A obra do frei Apolônio de Todi empolgou o engenheiro visitante, que, portador de uma máquina de fotografia portátil, bateu algumas chapas, segundo o depoimento de Alfredo Silva.

Euclides transferiu para o “livro vingador” a impressão que o santuário sertanejo lhe causara, ajuntando suas considerações ao nome histórico do capuchinho setecentista. Acreditamos que, no ensejo da visita, o jornalista não tivesse conhecimento do autor daquela ousada obra de engenharia, daí o silêncio em tomo de Apolônio de Todi, que vai aparecer, com o merecido realce, nas páginas de ***Os Sertões***.

Vale a pena transcrever um grande trecho do livro grande, no qual Euclides da Cunha nos apresenta, com aquela sua extraordinária capacidade descritiva, o

11 GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais: 4ª expedição*. São Paulo: Ática, 1974. p. 423.

12 CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, p. 80-81.

“prodígio de engenharia rude e audaciosa”, que frei Apolônio levantou nos sertões da Bahia:

“E fez-se o templo prodigioso, monumento erguido pela natureza e pela fé, mais alto que as mais altas catedrais da terra.

A população sertaneja completou a empresa do missionário.

Hoje, quem sobe a extensa via sacra de três quilômetros de comprimento, em que se erigem, a espaços, vinte e cinco capelas de alvenarias, encerrando painéis dos passos, avalia a constância e a tenacidade do esforço despendido.

Amparada por muros capeados; calçada, em certos trechos; tendo, noutros, como leito, a rocha viva talhada em degraus ou rampeada, aquela estrada branca, de quartzito, onde ressoam, há cem anos, as litânias das procissões da quaresma e têm passado legiões de penitentes, é um prodígio de engenharia rude e audaciosa. Começa investindo com a montanha, segundo a normal de máximo declive, em rampa de cerca de vinte graus. Na quarta ou quinta capelinha inflete à esquerda e progride menos íngreme. Adeante, a partir da capela maior – ermida interessantíssima ereta num ressalto da pedra a cavaleiro do abismo – volta à direita, diminuindo de declive até a linha de cumiadas. Segue por esta segundo uma selada breve. Depois se alteia, de improviso, retilínea, em ladeira forte, arremetendo com o vértice pontiagudo do monte, até ao Calvário, no alto!

À medida que ascende, ofegante, estacionando nos passos, o observador depara perspectivas que seguem num crescendo de grandezas soberanas: primeiro, os planos das chapadas e tabuleiros, esbatidos em baixo em planícies vastas; depois, as serranias remotas, agrupadas, longe, em todos os quadrantes; e, atingido o alto, o olhar a cavaleiros das serras – o espaço

indefinido, a emoção estranha de altura imensa, realçada pelo aspecto da pequena vila, em baixo, mal percebida na confusão caótica dos telhados”.

O repórter do *Estado de São Paulo* permaneceu na vila até o dia 13 de setembro, quando partiu para Canudos, acompanhando a segunda brigada de divisão Auxiliar constituída pelos 1º e 2º batalhões de polícia do Pará e 1º do Amazonas, sob o comando do coronel Sotero de Menezes. Nas reportagens encaminhadas ao seu jornal, datadas de 9, 10 e 11 do citado mês, não voltou a falar do “monte sacro”. Nenhuma nota também consta no seu diário. Dedicou, todavia, seu tempo, recolhendo informações sobre a luta no Belo Monte e fazendo pesquisas a respeito da geologia local. “Nas longas investigações diariamente feitas pelos arredores, tenho estudado, com dificuldades embora, essa região ingrata que é idêntica, com ligeiras variantes, à que circunda o arraial conselheirista. É uma das partes mais modernas talvez no novo continente e surgiu das águas provavelmente depois da lenta ascensão da cordilheira dos Andes, como um fenômeno complementar. A falta de matos, de vegetação opulenta além das causas que resultam da natureza geognóstica do solo e dos agentes meteorológicos, tem como motivo preponderante essa idade recente. O líquen ainda está decompondo a rocha, a natureza inteira ainda se prepara para a organização superior da vida. Tudo indica (e fora longo enumerar as razões em que me baseio) o fundo, descoberto por uma lenta sublevação, de um mar geologicamente moderno, terciário talvez, em cuja amplidão a ponta culminante de Monte Santo despontava como um cachopo de quartzito”¹³.

Na antevéspera da partida para o campo de luta Euclides da Cunha estivera no sítio Salgado, pertencente ao Sr. Francisco Martins de Andrade, nos arredores de Monte Santo, onde chegou a tomar uns tragos de aguardente e levantar um brinde ao dono da casa, segundo informou Alfredo Silva para *A Notícia*. O confrade carioca relatou que comeram um excelente leitão, com cuscuz e ovos

13 CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*, p. 83.

fritos, chamando a atenção para os conhecimentos de Euclides, que a propósito de uma pedra, uma flor, um fruto, ou um pássaro tecia explicações científicas. Por causa dele, o grupo levou quatro horas para fazer uma viagem de légua e meia, a todo momento interrompida pelas paradas e instruções do ilustre companheiro. As observações daquela caminhada iriam ficar incorporadas às memoráveis páginas de **Os Sertões**.

Desconhecemos o que teria sucedido na passagem de retomo do escritor pela lendária vila de Monte Santo. Seu diário não foi escrito durante a viagem de volta Canudos-Salvador. Nem podemos imaginar que o positivista Euclides Rodrigues da Cunha houvesse subido a estrada para agradecer a Deus a vitória da República na fratricida campanha do Belo Monte.